

OPÚSCULO 5

- Pequenos textos de Filosofia, Ciência e Filosofia da Ciência -

Da repressão à perversão

~

António Fragoso Fernandes



Centro de Filosofia das Ciências
da Universidade de Lisboa
<http://cfcul.ul.pt>

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

OPÚSCULO 5

Da repressão à perversão

© António Frago Fernandes

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa - Lisboa, 2011
<http://cfcul.fc.ul.pt>

Uma espécie em vias de emergência

António Fragoso Fernandes

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa

Dado a importância que tem o enredo da peça de Sófocles “O Rei Édipo” para a presente Comunicação, vamos lembrá-lo. O povo de Tebas está muito preocupado com a maldição que caiu sobre a cidade e destrói todos os meios de subsistência dos seus habitantes. Mas a população espera que o Rei possa intervir favoravelmente. Édipo procura investigar as causas da praga mas apenas para se inteirar que ele próprio é considerado o responsável pelo que se passa. As declarações do vidente Tirésias, as intervenções dos componentes do Coro, e os depoimentos do pastor e dum outro interveniente tornaram impossível negar que Édipo não só assassinou o anterior rei de Tebas - seu próprio pai - como casou com Jocasta, a viúva do seu pai e sua mãe, e dela teve descendentes. O suicídio de Jocasta, e a auto-punição de Édipo, que a si próprio se privou da vista, constituem o epílogo desta tragédia.

Dois mil e quinhentos anos mais tarde Freud fez deste relato mítico o fundamento, por vezes controverso, duma nova antropologia. e admitiu que é próprio do homem, como jovem macho, eliminar o pai para chegar à posse física da mãe.

Na peça de Sófocles, o dramaturgo mostra habilmente que Édipo luta constantemente para provar a sua inocência. Mas uma leitura cuidadosa do texto não deixa dúvidas, desde o início dos diálogos, de que Édipo é culpado. As acusações de Tirésias, os comentários do Coro, os depoimentos dos vários intervenientes, as hesitações de Jocasta, o modo como Édipo ignora factos evidentes como os que dizem respeito aos seus pés, enfim tudo aponta para uma mesma conclusão. Mas o mais extraordinário é que tanto no que se passa na cena como a indecisão e a expectativa que é quase palpável na audiência nos leva a pensar em algo que excede a capacidade espantosa de Sófocles como dramaturgo.

Efectivamente, depois do que dissemos, somos obrigados a aceitar estes dois pontos:

1. Édipo não levou a cabo uma investigação. O que fez realmente foi encobrir os factos.
2. Todos os presentes no palco e fora dele estavam conscientes desses mesmos factos e no entanto procederam como se os ignorassem.

Dito isto, resta-nos propor um modelo que não só prove a consistência do que se disse em (1) e em (2) mas que opondo-se à interpretação freudiana do mito de Édipo seja igualmente capaz de explicar como é que a mente pode estar consciente dum estado de coisas e ao mesmo tempo ignorá-las. A 1ª reflexão que nos surgiu foi a seguinte: como é que se consegue um modelo da mente que me permita simultaneamente estar consciente de algo e ignorar tudo acerca disso? Se encaixarmos agora o mito de Édipo no modelo de Freud obtemos certamente uma resposta, mas não à mesma questão. A descoberta do inconsciente não contempla a situação de simultaneidade sem a qual o nosso problema não seria enunciável. Retomando algumas ideias dum pensador contemporâneo, J.P. Sartre, sabemos que este atribuiu à consciência duas funções distintas e as baptizou como consciência pré-reflexiva e consciência reflexiva. No 1º caso refere-se ao que diz respeito à realidade como efeito da espontaneidade, intencionalidade básica dum consciência não-posicional, ao passo que quando fala de consciência reflexiva isso significa que se trata dum consciência que se acha inteiramente ocupada em se observar a si própria. Deste modo, esta consciência de si própria apenas se dedica à construção dos seus conteúdos, o que torna imediatamente possível que estes possam ser válidos no que concerne o mundo exterior ou apenas digam respeito a crenças e ilusões.

O estabelecimento desta distinção é viável na medida em que a espontaneidade da consciência pré-reflexiva envolve a intencionalidade básica, o que não acontece com a consciência reflexiva. Contudo no funcionamento da consciência no modelo que acabamos de propor ficou por tratar o problema da simultaneidade entre a intencionalidade básica e a construção reflexiva que continua a ser a questão central que se tem vindo a sublinhar. Vamos para isso propor-vos uma metáfora que esperamos tornará a situação mais clara.

Existe em Topologia um conceito conhecido como superfície ou fita de Möbius. Suponhamos que dispomos dum fita de papel dum espessura

mínima, longa, e estreita. Procedamos em seguida à colagem dos dois extremos da fita. Suponhamos ainda que para terminar dobramos a fita sobre si própria criando assim uma prega. Deste modo, a superfície de Möbius resultante desta operação, embora aparentemente composta por duas superfícies, permitiria a um pequeno insecto, por exemplo uma formiga, mover-se ao longo da fita. A formiga passaria sobre a prega sem se dar conta disso e poderíamos dizer que ela caminharia simultaneamente nas duas superfícies, embora obviamente o faça apenas ao longo duma delas.

Se compararmos a superfície de Möbius com a consciência, a formiga com um conteúdo de consciência e a prega como um espaço comum à consciência pré-reflexiva e à consciência reflexiva, podemos conceber agora como é que a consciência pré-reflexiva pode pertencer simultaneamente à representação espontânea da realidade e contudo, fazendo parte do mesmo processo, que esse conteúdo faça igualmente parte da actividade reflexiva da consciência.

Regressemos agora à problemática central em torno da qual se elaborou esta comunicação. Acabámos de apresentar um modelo alternativo do funcionamento da consciência em que se torna possível entender como é que Édipo deu duas respostas diferentes a uma única situação. Efectivamente, só assim se pode compreender um estado mental em que a realidade é simultaneamente aceite e rejeitada.

Se compararmos o nosso modelo com o modelo freudiano apercebemo-nos o quanto a introdução do conceito de inconsciente e de repressão modifica radicalmente a explicação dada acima. No modelo alternativo não há lugar para a repressão e à organização psicopatológica aí descrita chamar-se-ia preferencialmente perversão.

Efectivamente, a Psicopatologia tende actualmente a alargar o conceito de perversão fazendo-o abranger as situações em que a realidade nem é totalmente aceite nem é completamente rejeitada. Mas será possível propor que da consciência se pode dizer que ela tem um estatuto incontornavelmente ambíguo e que o ser humano é intrinsecamente mentiroso?

Depois modelo da consciência com que o qual nos propusemos explicar o comportamento de Édipo na famosa peça de Sófocles, procuraremos mostrar no historial dum nosso cliente como funciona esse modelo alternativo.

Quando ele me procurou tinha 34 anos, exercia uma profissão liberal e tinha um comportamento que provocava grandes preocupações aos seus familiares, nomeadamente por causa das ideações suicidárias recorrentes no seu discurso. Explicou-me que havia consultado um psicoterapeuta que atribuía as perturbações que o afligiam às dificuldades nas relações entre os pais e ao falecimento da mãe. Era evidente que o foco dos seus problemas residia essencialmente nessa perda mas a abordagem da triangulação não trouxe resultados visíveis. Depois de observarmos como o trabalho do luto parecia bloqueado, tentámos obstinadamente que revivesse as emoções que haviam acompanhado a perda da mãe. No regime de uma sessão por semana levámos cerca de dois meses para nos aproximarmos do que julgamos ser o ponto nevrálgico dessa indagação. Trata-se do momento em que me relatou, embora com visível esforço, a seguinte vivência: “Na noite em que acompanhei o velório da minha mãe tive durante algum tempo a certeza de que o meu peito se mexia como se ela estivesse a respirar.”

Não nos custa a admitir que dada a fadiga natural em que se achava, a confissão do nosso cliente denuncie uma componente alucinatória. Mas o mais característico do relato era precisamente a preocupação do relator com a sua própria sanidade mental: “eu não sou maluco, eu sabia perfeitamente que a minha mãe estava morta; ela estava dentro dum caixão, as pessoas estavam ali, ela ia ser enterrada no dia seguinte. Mas eu tive a *certeza absoluta* que ela respirava”.

Se recordarmos o que se disse acima no contexto da descrição do que denominámos o modelo alternativo somos levados a pensar que o relato do nosso cliente se enquadra sem dificuldades nesse modelo da consciência.

Façamos uma breve pausa para nos interrogarmos quanto à possibilidade de ter surgido na história da psicanálise algum segmento em que se tenha feito referencia a algo que se assemelhe ao modelo alternativo aqui referido.

Efectivamente em 1927 Freud publicou um artigo intitulado “Fetishism”, [S.E.,21,149] onde se ocupou do que denominou “clivagem psíquica”. Em 1938, meses antes da sua morte, Freud voltou a mencionar a clivagem psíquica em “A clivagem do eu no processo de defesa”, [S.E.,23,273] e também no “Resumo da Psicanálise” [S.E.,23,141]. Mas que entendia ele por clivagem psíquica? A teoria desenvolvida excede a temática de que se ocupa esta Intervenção mas as conclusões de Freud devem ser mencionadas aqui. No seu artigo sobre a clivagem do eu já mencionado ele pergunta-se: estarei a falar de algo que já conheço de há muito ou de algo de novo? E responde

deste modo à sua dúvida. Não se trata duma clivagem entre o inconsciente e o eu, tal como acontece com a repressão mas sim de algo que se passa no eu e onde o inconsciente não está envolvido. São dois processos distintos que se passam no eu, dos quais um deles está em contacto com a realidade e o outro coloca fora de jogo a realidade para pôr em seu lugar uma construção cuja origem resulta unicamente da actividade do próprio sujeito. É nisso que consiste a clivagem.

Estes esclarecimentos, dados por Freud, já são suficientes para entendermos a direcção que a teoria psicanalítica teria podido seguir depois da viragem que se infere claramente nas três obras que mencionámos .

Façamos agora um breve resumo do que se tem vindo a dizer.

Neste momento já é perceptível o quanto diferem os modelos psicanalítico e existencial do psiquismo humano e as respectivas consequências da sua aplicação terapêutica nas perturbações da personalidade. Na psicanálise o sujeito humano é entendido como se para ele o sentido da vida residisse fundamentalmente na obtenção do prazer. Num organismo submetido à excitação o prazer resume-se ao regresso a uma carga zero de energia. É a chamada “hipótese económica” em Freud e ela constitui o verdadeiro motor da maquinaria que põe em movimento a maquinaria freudiana. Freud explica tanto o desenvolvimento normal como a patologia por meio de permutações e transformações energéticas ,conscientes e inconscientes de energia. O significado do funcionamento do sistema nervoso deve pois ser encontrado, em última instância, nas redes neuronais. Mas os neurónios são substâncias coloidais inteiramente destituídas da capacidade de levar ao conhecimento do que existe, tal como a consciência é capaz de o fazer. O materialismo freudiano reduz pois o sentido humano das coisas aos instintos psicofisiológicos. Mas os iniciadores da abordagem existencial da condição humana substituem as forças neurofisiológicas pela experiência existencial que é inerente à própria experiência que advém dessa condição. Em suma, as bases da meta-teoria dos terapeutas existenciais consiste na elaboração duma grelha susceptível de encaixar a experiência do sujeito em observação nas categorias existenciais que o limitam.

Pergunta-se então qual será a forma mais eficaz de modificar radicalmente a maneira de alguém estar no mundo?

Será pela interpretação do que acontece ao nível dos impulsos instintivos e das formações inconscientes que deles derivam ?

Ou deveremos antes utilizar um acesso que através da compreensão das condições existenciais que acompanham a inserção dum sujeito no mundo material e social nos colocam perante a necessidade irrevogável dessa modificação?

Mas é tempo de terminar dado que esta última questão merece pela vastidão do tema, ser retomada noutra intervenção.